

O feminino e o transcendental

L A U R A F R E I X A S *

Tradução: Ana Mariza Benedetti**

Quatro lugares-comuns frequentemente vêm à tona quando se fala de Clarice Lispector (Ucrânia, 1920 - Brasil, 1977). Eles consistem em mencionar a sua “beleza exótica”; em qualificar a sua obra como “misteriosa” (ou “estranha”, “surpreendente”, “singular”, etc.); em aludir ao termo “intimismo”, em comparar seus romances com os de Virginia Woolf e Joyce. E quase todos resultam duvidosos, pois definir uma mulher pelo seu físico e descrever sua obra como “intimista” são automatismos da nossa cultura, tanto quanto explicar um artista de um país colonial comparando-o com os da metrópole.

Permanece o de “estranha”. E é que, de fato, a obra de Lispector não só rompe de forma abrupta com a literatura brasileira anterior, mas também é muito singular em todo o panorama de literaturas em línguas europeias do seu tempo. Essa singularidade contempla vários aspectos. Para começar, Lispector desorienta o leitor com uma obra formalmente muito diversa, mesmo sendo tematicamente homogênea. Não parece haver nada em comum entre o lirismo sensual de seu primeiro romance (*Perto do Coração Selvagem*) e a sarcástica paródia de novela que é o penúltimo (*A Hora da Estrela*). No entanto, sempre estão as mesmas preocupações. Existem dois mundos que Clarice Lispector quer explorar: o feminino e o transcendental. É certo que sua obra apresenta confluências com as de Joyce e de Woolf, mas não influências, já que ela não tinha lido tais autores antes de escrever suas obras principais. Com o escritor irlandês, compartilha a visão de literatura como terreno de revelação transcendental – o que Joyce, numa transferência característica da religião à arte, chamou

* Escritora e crítica literária; colunista do jornal La Vanguardia. Tem textos publicados em outros periódicos literários importantes como *Quimera*, *Espéculo*, etc. É autora de dois livros sobre Clarice Lispector: *Clarice Lispector* (2000) e *Ladrona de rosas* (2010). E-mail: laurafreixasmadrid@gmail.com

** Departamento de Letras Modernas - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP/São José do Rio Preto - 15054-000 - São José do Rio Preto - SP - Brasil. E-mail: benedeti@ibilce.unesp.br

“epifania” –; com a escritora inglesa, ao dar voz – privada e secreta, em forma de monólogo interno– a personagens femininos aparentemente banais, donas de casa por exemplo. Porém chamar isso de “intimismo” seria precipitado: o monólogo interior não é mais do que uma técnica, um meio para ser usado para fins muito diversos, e Lispector o utiliza não para a análise psicológica, mas para abordar questões metafísicas.

Isso nos leva de volta à questão das influências. A principal, em sua obra, é uma que antigamente já era dada como óbvia e na qual hoje, pelo que parece, ninguém mais pensa: a *Bíblia*. Toda a obra de Lispector é perpassada, em diversos tons e palavras-chave – perplexidade, aceitação serena, paródia sacrílega, reinterpretação, sarcasmo... –, pelo questionamento sobre o sentido, sobre a transcendência e a imanência, sobre a imortalidade, sobre a existência ou inexistência de Deus; seu romance mais ambicioso – embora não o melhor –, *A Maçã no Escuro*, chegou a ser interpretada, de modo convincente, como uma versão alternativa do *Gênesis*, e foram comparadas, também de forma convincente, algumas passagens de seus livros com outros de Santa Teresa, vendo em uns e outros uma fonte comum que seria a mística judaica. Se todo escritor, para ter voz própria, deve começar por fazer a própria árvore genealógica, a de Lispector estaria formada pelos textos sagrados judaicos e cristãos, e pelos escritores que mais a marcaram: nem Woolf nem Joyce, em concreto, –nem mesmo Kafka ou Sartre, com quem também já foi comparada –, mas Dostoiévski, Julien Green, Emily Dickinson, Emily Brontë, Proust, Pessoa, e sobretudo, uma autora a quem leu e releu durante toda a sua vida: Katherine Mansfield.

Os contos de Lispector, considerados os melhores jamais escritos em língua portuguesa, devem muito a Mansfield. Como os da neozelandesa, eles com frequência dão voz a personagens femininos marginais: donas de casa, meninas, velhas... (“À Procura de Uma Dignidade”, “Feliz Aniversário”, “Amor”, “A Legião Estrangeira”...). Como Mansfield, Lispector (e esta talvez seja uma das contribuições que as mulheres deram, globalmente, à literatura) é capaz de mostrar o mistério, a poesia, a revelação do sagrado, do nada, do inferno e do paraíso... dentro da vida doméstica, a vida aparentemente mais cotidiana e insignificante. No entanto, Lispector possivelmente vai mais além do que Mansfield. Não em emoção nem em beleza – Mansfield é mais leve, quem sabe mais poética –, mas sim em profundidade. Lispector possui no fundo uma grande tendência à abstração e os contos servem-lhe para abordar, como quem não quer nada, questões tais como a natureza do amor, a relação entre o eu e o outro, a apreensão intelectual *versus* a apreensão sensual e emocional do mundo, a busca do sentido ou a renúncia a encontrá-lo, aceitando o nada... É este – o nada, o neutro, o vazio, como substrato do universo – um fio condutor de Lispector: aparece nesse maravilhoso texto – não é propriamente um conto – intitulado “Silêncio”, ou em um de seus relatos mais justamente célebres, “Amor”, encarnado por um cego que masca chiclete, em contraste com o mundo vivo, de imagens, cores, cheiros, representado pelo Jardim Botânico, ao mesmo tempo cópia do Paraíso e cenário da corrupção, da podridão, da morte.

Falando de amor, o tratamento dado por Lispector tem provocado um interessante debate entre aqueles que consideram que Lispector propõe o amor como um modo respeitoso,

não invasivo, de relacionar-se com o mundo (Hélène Cixous), e aqueles que acreditam que o amor, na obra de Lispector, encobre o conflito (Marta Peixoto). Existem exemplos que justificam ambas as teses: em “A Imitação da Rosa” (que grande conto!) a protagonista, enfrentada ao mistério da beleza da rosa, ensaia a via da imitação amorosa, como uma imitação de Cristo, frente à razão redutora, representada pelo marido e o psiquiatra. Porém em “A Legião Estrangeira” ou no respeitável “O Búfalo”, o chamado amor é luta de poder... Também o é em “A Via Crucis do Corpo”, que iria surpreender (desagradavelmente?) os seus leitores, mas que sob a aparente discrepância com o resto da sua obra contística, forma parte da sua trajetória: com esses textos por encomenda, supostamente eróticos, porém mais sarcásticos, Lispector começava a burlar-se do “argumento” (como também o faz em “A Quinta História” ou “Duas Histórias a Meu Modo”) e dar um toque de humor negro, o que constituirá um dos aspectos (não o único) da sua obra nos últimos anos.

E a questão do amor se entrelaça com outras: a alteridade, o conhecimento. Para Lispector o outro é sempre radicalmente alheio: daí a reiterada presença de animais – especialmente a galinha, para ela, símbolo da feminilidade- em suas ficções. O animal representa, além disso, uma maneira de estar no mundo: em vez da razão, o puro ser, em sintonia intuitiva, sensual, com o mundo. A dualidade razão-intuição se encarna no símbolo dos óculos (“O Crime do Professor de Matemática”, “Evolução de Uma Miopia”...) ou no casal professor-aluna, que remete à dualidade dos sexos, pois para Lispector, os homens estão do lado da razão – por meio da qual tentam se apropriar do objeto de conhecimento, porém desse modo o falseiam ou o matam –, enquanto que as mulheres, mais próximas à criação em todos os sentidos, encarnam uma via alternativa de conhecimento. Não é por nada que as “feministas da diferença” tenham feito de Lispector sua escritora fetiche...

Enfim, um livro fundamental e ao mesmo tempo um “mostruário” da obra de Lispector - todos os seus temas, suas épocas, seus diversos tons, encontram-se nele refletidos - porque constitui para muitos - Lispector pode, mais ou menos, agradar com romancista, mas como contista é indiscutível - a sua obra prima.

FREIXAS, L. The Feminine and the Transcendental. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 7, n. 2, p. 259–262, 2015.

Referências para a tradução

FREIXAS, L. Lo femenino y lo trascendente. In: LISPECTOR, C. *Cuentos Reunidos*. Madrid: Alfaguara, 2002. s/p.

_____. Lo femenino y lo trascendente *Espéculo*. Revista de Estudios Literarios (Clarice Lispector), Madrid: Universidad Complutense de Madrid (UCM), v. 2, n. 51, p. 66-68, 2013. Disponível em: <http://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/Clarice_Lispector_

Especulo_51_UCM_julio2013.pdf>. Acesso em: 23 out. 2015.